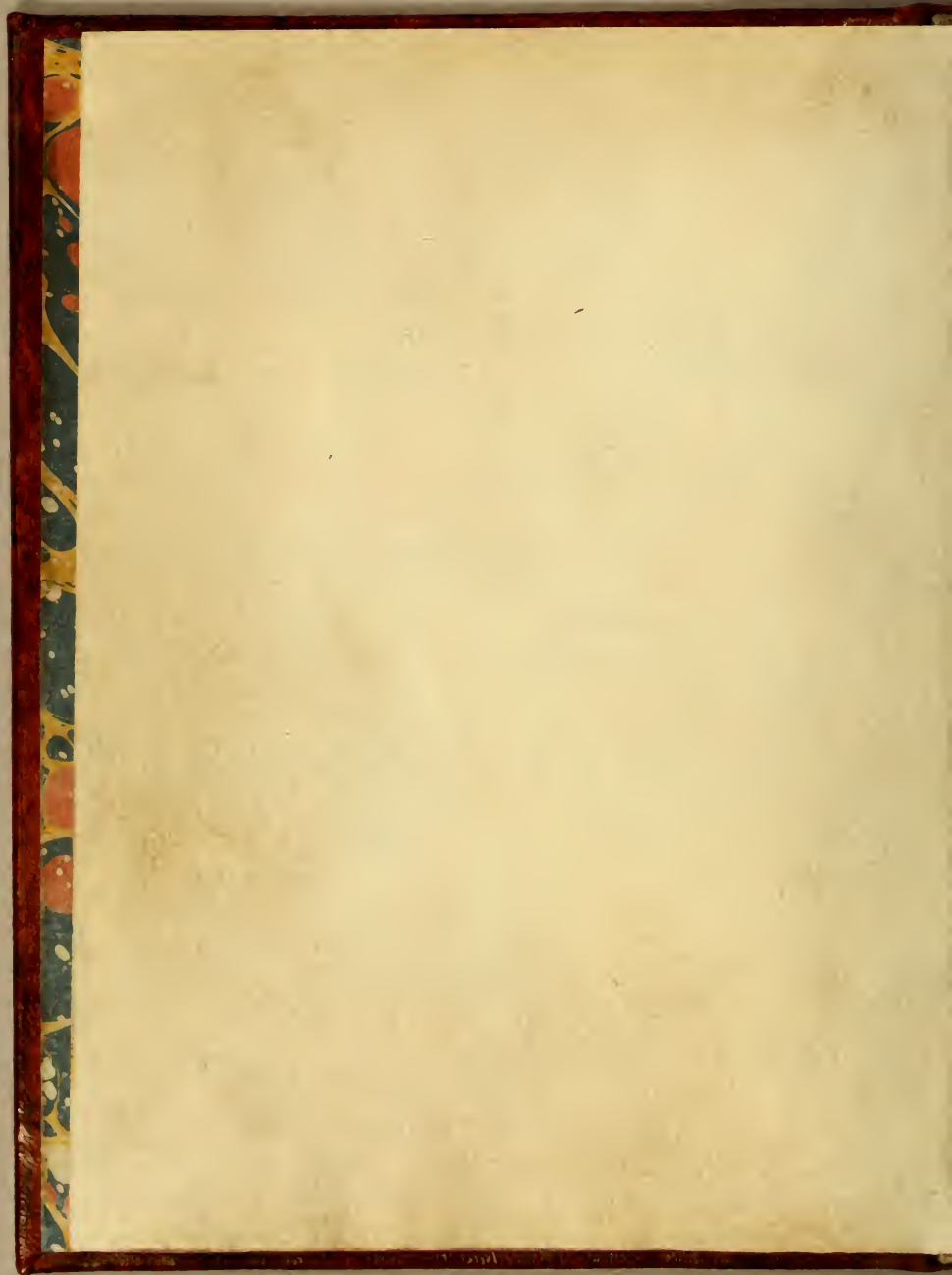
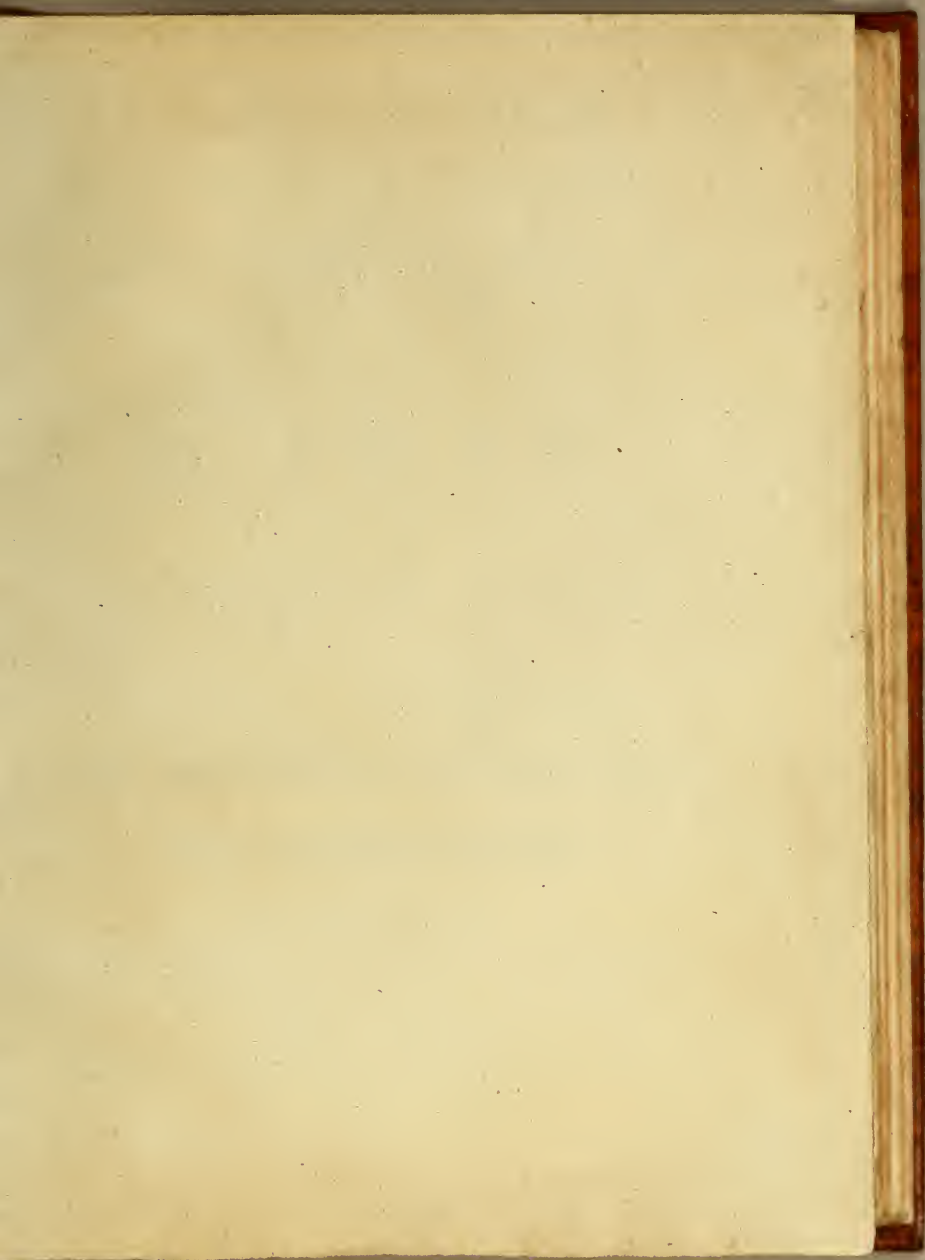
The image shows the front cover of a book. The cover is decorated with a traditional marbled paper pattern, featuring large, swirling, cell-like shapes in shades of red, orange, yellow, and black. A small, rectangular, cream-colored paper label is pasted onto the upper-middle portion of the cover. The label contains the text 'The Gift of The Associates of The John Carter Brown Library' in a black, serif, italicized font. The book's spine, visible on the left, is bound in a dark red material.

*The Gift of  
The Associates of  
The John Carter Brown Library*

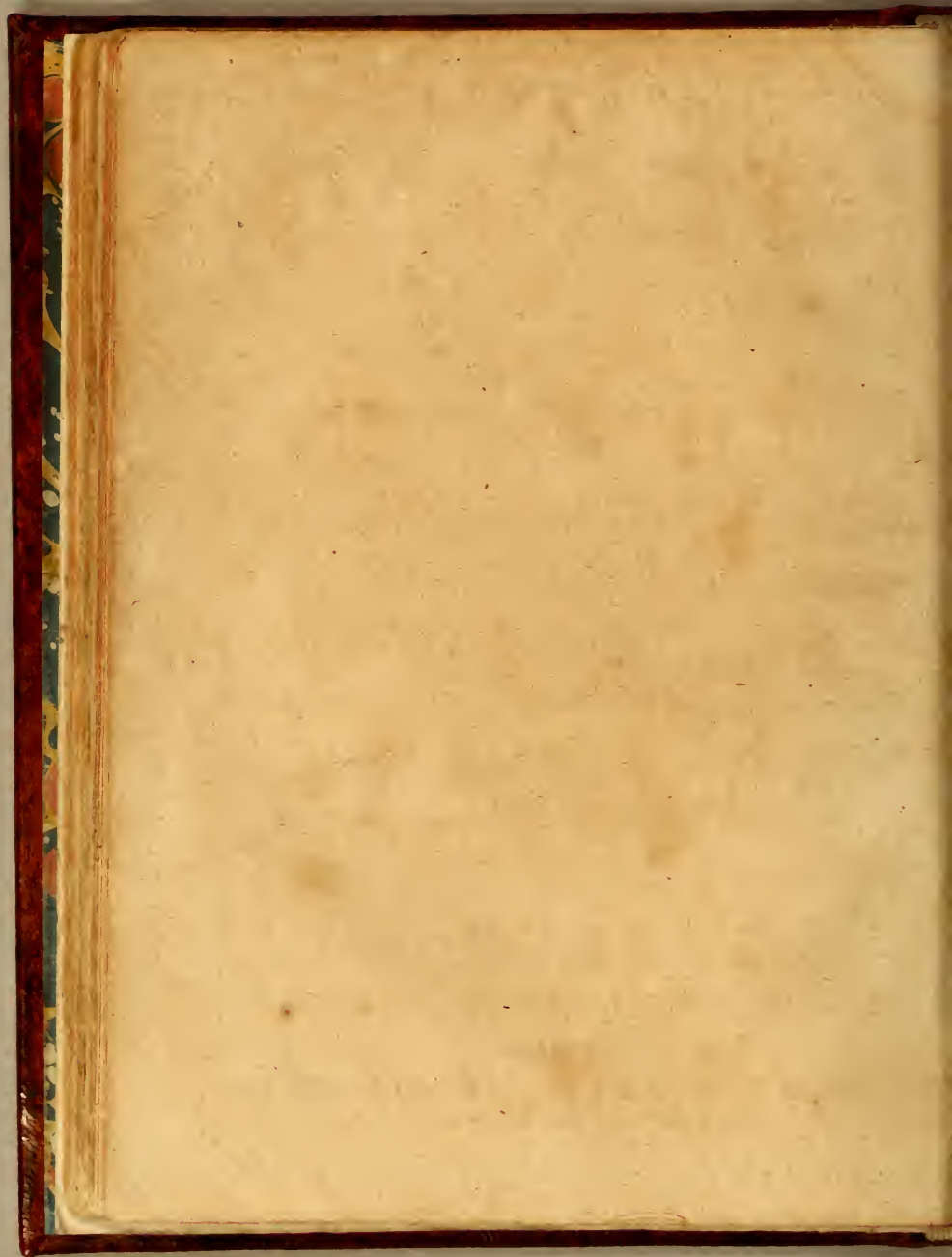












LEMBRANÇA  
SAUDOSA,  
COM QUE PORTUGALLAMENTA  
A SEMPRE CHORADA MORTE  
DO SERENISSIMO SENHOR  
D. JOSEPH  
PRINCIPE DO BRASIL.



L I S B O A

Na Officª Patriarcal de FRANCISCO LUIZ AMENO.

---

M. DCC. LXXXVIII.

*Com licença da Real Mesa da Commisãõ Geral sobre o Exame;  
e Censura dos Livros.*





## ELEGIA.

**M**USA, troquemos esse dom celeste  
De fazer versos, em sentido pranto,  
Cinza-me a fronte o funebre Cypreste.

Se já foi agradável o meu canto  
A quem as tristes lagrimas dedico  
Cheio de confusão, cheio de espanto;

Agora nesta magoa, te supplico  
Que me inspires noções, que justamente  
Expliquem bem a pena com que fico.

Se em ricas urnas d'ouro refulgente  
Recamadas de finas pedrarias,  
Com o culto mais terno, e reverente;

Eu não posso guardar as cinzas frias  
De saudosas lagrimas banhadas,  
Do Principe, que honrava os nossos dias;

Suas virtudes devem ser gravadas  
Do Menalo nos troncos mais robustos,  
Onde sejaõ do tempo respeitadas.

Quanto mais do q os Titos, e os Augustos  
Foi o nosso bom Principe adoravel  
Digno de eternos, de famosos bustos?

Tu, cruel Morte, Morte inexoravel,  
Nunca déstes hum golpe tão tyranno,  
Nunca destrago foi tão lamentavel.

Tua mirrada maõ, que fez tal damno,  
Devia nunca mais ter exercicio  
Depois deste fatal, deste inhumano.

Aquelle tão sublime beneficio,  
Que o Ceo nos tinha feito por piedade  
Em quem nunca tocou mancha de vicio:

Aquelle, em quem se via a Magestade  
Resplandecendo n'hum gentil semblante  
Cheio de graças, cheio de bondade:

Nelle nos déste o golpe penetrante,  
Os corações sem dó nos traspassaste  
Naquelle acerbo rigoroso instante.

Por-

Porque, dize inimiga, nos roubaſte  
Toda a noſſa eſperança, e toda a gloria,  
E ſó magoa indelevel nos deixaste?

Tu me reſponderás, que em longa hiſtoria  
Ha de ſer o ſeu Nome celebrado,  
Que immortal ficará ſua memoria.

Que hum throno mais ſublime, e reſpeitado,  
Em lugar do terreno, que perdera,  
Vai fazer mais feliz o ſeu eſtado:

Que no teu tribunal a lei ſevéra  
A' riſca ſe executa nos viventes,  
Porque o primeiro Pai aſſim quizerá;

Que eſta herança ficará aos deſcendentes,  
Ou mais cedo, ou mais tarde praticada,  
Pois que todos ficaraõ delinquentes.

Mas tu, contra a virtude conjurada,  
Exercitas a lei com tyrannia,  
Talvez que pela inveja arrebatada.

Levas aquelle, que viver devia  
Para noſſo exemplar, e por modelo,  
E que hum bem ſem limite promettia.



Mil vezes tens poupado d'hum flagello  
O impio coração , para o assassínio  
Tem mais valor hum Sylva que hum Metelo.

Quem póde penetrar o teu destino !  
Tratas com violencia o virtuoso ,  
Es indulgente para o máo , e indigno.

Tu Portugal farias venturoso ,  
Se o tributo , que exige a natureza ,  
Agora o não fizeras lastimoso.

A flor que no jardim tanto se préza ,  
Se he despojo do rispido nordeste ,  
Maldizemos do vento a vil surpresa.

A preciosa vida acommeteste  
D'hum Principe perfeito , e devoraste  
Seu puro coração nada terrestre.

Ah cruel ! Se este bem , que nos roubaste ,  
O resgatassem lagrimas ardentes ,  
Não soffreria o Reino este contraste.

Tu verias de rios mil correntes ,  
Que a desolada terra inundariaõ  
Das lagrimas mais ternas , mais pungentes.

Os suspiros os ares fenderião ,  
Os soluços as penhas abrandaraõ ,  
E todos por salvallo morreriaõ.

Porém se os nossos ais nada reparaõ  
O desfrago , que injusta nos tens feito ,  
Todos já crua guerra te declaraõ.

Se nos tiraste hum Principe perfeito ,  
Já os que ficaõ desprezando a vida  
Não sentem do teu braço o duro effeito.

O teu severo aspecto , que intimida ,  
Já fulto nos não causa , nem receio ;  
Antes parece que o amor convida.

E pois não temos de resgatallo o meio ,  
Que encherá de prazer nossa ternura ,  
Vamos da sepultura ao triste seio ;

E lá cheios de dôr , e de amargura ,  
Reguem a terra lagrimas amantes ,  
Abrandemos chorando a pedra dura.

Mas são nossos pezares tão possantes ,  
Que os corações não pôdem magoados  
Supprir aos olhos lagrimas bastantes.

Subaõ aos Ceos serenos nossos brados;  
Elles saõ justos, dar-nos-haõ ouvidos,  
Pois escutaõ a voz dos desgraçados.

A Morte não faz caso de gemidos,  
Fica furda os clamores desprezando,  
Inda que justamente produzidos.

Deos Clemente, q hum Reino miserando,  
Vedes do alto, do eterno Assento,  
As lagrimas sem fruto derramando,

Já sem forças no peito, sem alento,  
Os olhos de chorar intumecidos  
Exhalando suspiros cento a cento:

Vós, que destes quilates taõ subidos  
De virtudes, e dons incomparaveis  
A poucos dos humanos concedidos:

Vós, que as qualidades mais amaveis  
Dêstes ao nosso Principe sobrano,  
Que saõ aos vossos olhos agradaveis:

Se outro igualmente bom resgata o damno  
Dos seculos futuros duvidosos,  
Adoro humildemente o vosso arcano.

Se



Se premiais assim os virtuosos ;  
Fazendo-os com prompta recompensa  
Inda na flor dos annos venturosos ;

Louvaremos , Senhor , aquella immensa  
Sabedoria , que exerceis no mundo ,  
Cubriendo á nossa luz de nuvem densa.

O segredo dos Ceos he tão profundo ,  
Que o nosso amado Principe contemplo  
Gozando hum immortal prazer jucundo.

Já entrando da gloria ao grande Templo ,  
Da feliz , da suprema Eternidade  
Sobre nós reverbéra a luz do exemplo.

Lá teve o premio justo da verdade  
Dos seus candidos puros sentimentos ,  
Lá tem visto o que póde a Caridade.

Acordes hymnos , angelicos accentos  
Ouve os celestes Córos alternando  
Livre dos tristes , dos mortaes eventos.

Alli estais , ó Principe , gozando  
Daquella eterna paz , da paz serena ,  
Com os Heróes celestes conversando.

Po:

Porém se aquella massa inda terrena,  
Com que nós cobre a natureza humana;  
A sentir saudades nos condemna;

Se a Morte para nós foi tão tyranna,  
Que de Vós nos privou, Príncipe amado,  
E da perda cruel nos defengana :

Se o nosso dia alegre já mudado  
Se vê em triste noite tenebroza  
Vendo o vosso esplendor todo eclipsado :

A chorar nos obriga a lei forçosa,  
A lei da natureza, a humanidade,  
Que nos faz vossa ausencia tão custosa.

Nada já o prazer nos persuade,  
Antes cubertos do funesto manto  
Só para lamentar temos vontade.

Corre por entre nós fatal espanto,  
Os éccos tristes nos quebrados montes  
Vosso Nome repetem, e o nosso pranto.

Vemos turbar-se as cristallinas fontes  
Convertendo a corrente em negro lodo,  
Cobre hum denso vapor os horizontes.

O mar geme nas praias ao seu modo ,  
As aves fogem dos filhinhos caros ,  
Está consternado o sensitivo todo.

Justos effeitos , sentimentos raros  
Espalhou pelo Reino a desventura  
Taõ tristes , taõ pungentes , taõ amaros.

O rouxinol não canta na espeffura ,  
A voz , com que trinava , tem perdida ,  
Piando explica a sua magoa dura.

A campina viçosa de sentida  
De repente deixou murchar as flores ,  
A hum a árida terra reduzida.

Nas cabanas se escondem os Pastores  
Ouvindo pelas altas ribanceiras  
Tristes vozes , inspidos clamores.

Porque as perversas aves agoureiras  
Com temerosos lamentaveis gritos  
Fazem parar as lymfas das ribeiras.

Os desgostos , Senhor , são infinitos ,  
Tudo mudou a face inteiramente ,  
E os prazeres em nós ferão delictos.

Cho-



Choraremos por Vós eternamente ;  
 E se o tempo voraz tudo consome,  
 Será por este allivio delinquente.

Durará entre nós o vosso Nome ;  
 Sempre immortal ferá em toda a idade,  
 Sem que o pezar nos corações se dome.

Naõ póde minorar-se a saudade,  
 Quando a causa sem remedio existe,  
 E nos priva o desgosto a liberdade.

A' dor universal ninguem resiste,  
 Tudo por Vós suspira , e tudo clama ;  
 Naõ ha semblante que naõ veja triste.

O pobre no desgosto mais se inflamma  
 Depois que vio a vossa mão gelada,  
 E que Reaes grandezas naõ derrama.

Porém Vós , que occupais alta morada  
 Da graõ Jerusalem , da eterna Corte ,  
 Vendo a vossa virtude abençoada ;

Se he possivel saber do Reino a forte ,  
 Lançai , Senhor , lançai vista piedosa  
 Sobre quem por Vós soffre hum mal taõ forte.  
 Ve-

Vede a Real Espôsa virtuosa  
Devorada de dôr, e de amargura,  
Que sempre a conhecestes extremosa.

Qual será o effeito da ternura  
Que finta hum coração despedaçado  
Da saudade mais tyranna, e dura!

Vede a nossa Sobrana, desmaiado  
O Magestoso rosto de saudade,  
E o pezar no peito concentrado:

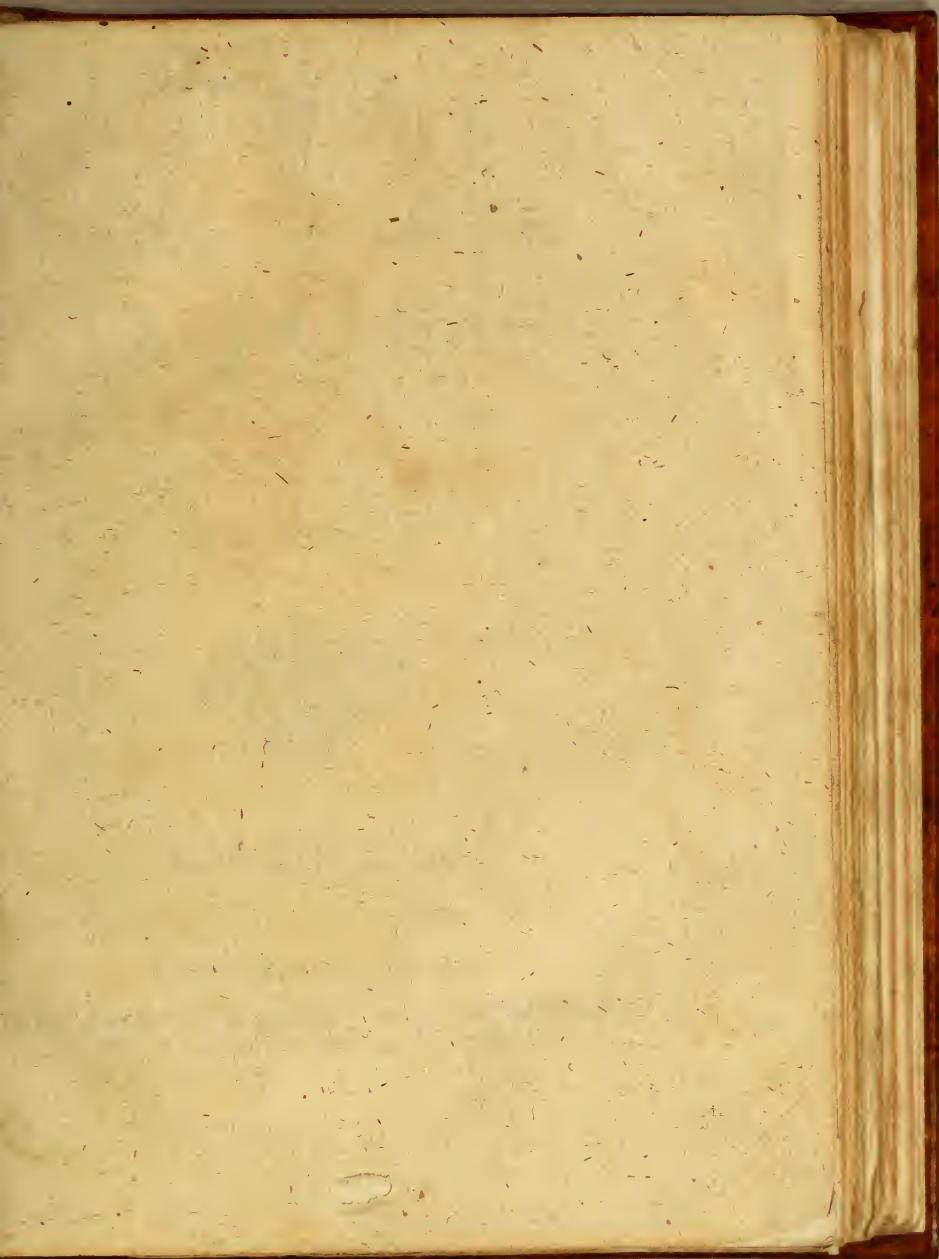
Vede aquelle compendio de amizade,  
Aquelle a quem amaveis ternamente,  
E que havia entre Vós igual vontade:

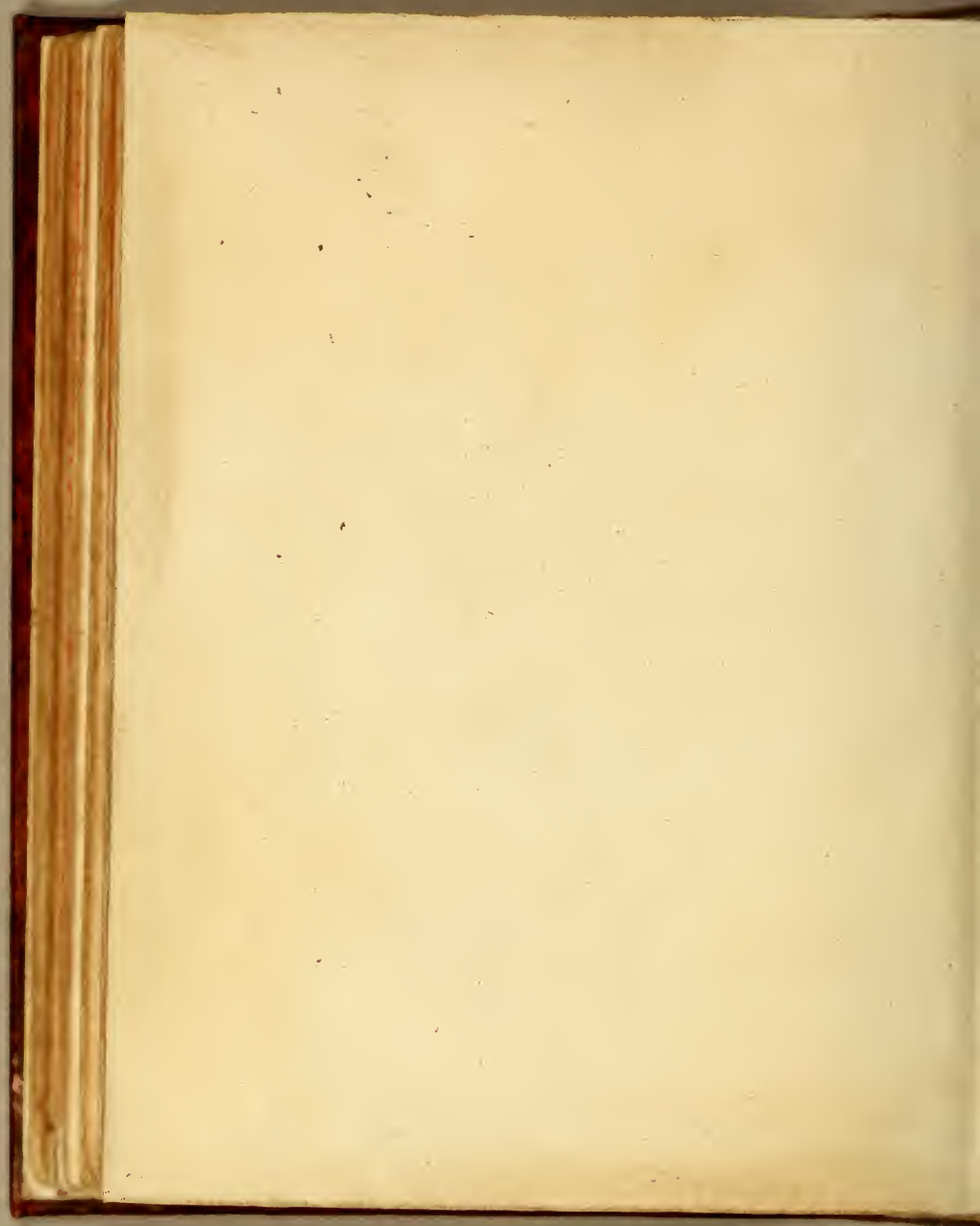
Aquelle a quem a Mão Omnipótente  
Nos deu por lenitivo á nossa magoa,  
Quanto chora por Vós, e quanto sente:

Toda a Casa Real em triste fragoa  
Lamenta a vossa perda inconsolavel,  
Que o coração nos olhos lhe desfagoa:  
Tanto merece hum Principe adoravel.

2 2 2 2







C788  
S255d









